

VIARO, MÁRIO EDUARDO (2011): *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 331 pp.

Mario Eduardo Viaro gradualmente introduz o leitor nas complexidades da ciência da Etimologia. Este livro apresenta-nos, de forma agradável, uma metodologia para o trabalho etimológico, além de discussões das questões substantivas da área, abafada por outros focos da linguística moderna no século XX, principalmente no Brasil em que os estudos lexicais e a diacronia estiveram no limbo até os anos 1980. Diz também dos requisitos para o fazer etimológico, e daí resulta o encaixamento da questão na diacronia, uma vez que a formação diacrônica *lato sensu* e *stricto sensu* é demandada de quem se propuser tal tarefa.

Seu texto, de 331 páginas, divide-se em “Introdução”, Primeira parte, composta de “Pequena historiografia da ciência etimológica”: Platão, Isidoro de Sevilha, Nunes de

Leão, Leibniz, Gébelin, Gyarmathi, Rask, Bopp, Grimm, Schleicher, Diez, Schuchardt, Meyer-Lübke, Trombetti; Segunda Parte: "O Método etimológico", que subdivide-se em cinco capítulos: 1. Fontes da Etimologia, 2 A mudança fonética, 3. O componente semântico, 4. A pesquisa intralingüística, 5. A pesquisa interlingüística; "Conclusão: Os limites da Etimologia" e "Bibliografia". As notações adotadas para procedência, cognatos, etc (págs. 13 e 14) são transparentes e esclarecedores, bem como as abreviaturas e símbolos do IPA.

Nesta 1ª. parte Mário Viaro encaixa a ciência etimológica numa matriz mais ampla: apresenta-nos uma historiografia do pensamento lingüístico recortando as ideias dos estudiosos da linguagem que contribuíram para o estabelecimento da Etimologia. Percebe-se logo de início a ligação que será construída pelo Autor entre Etimologia e Diacronia. Ao tratar de *Platão* fala da existência de uma consciência etimológica há pelo menos 25 séculos (pág. 29) associada, através de Heráclito, ao que é considerado a primeira noção de diacronia no Ocidente (pág. 29), de que as palavras teriam sofrido modificações após terem sido criadas. Mais à frente (pág. 34) o Autor volta a mencionar "a reflexão intuitiva sobre a mudança diacrônica". Surge também aí o termo *étimo* e não deixa de ser de interesse que esta palavra seja colocada ao lado de *explicações etimológicas, de consciência etimológica, de diacronia, e de comparação*: este é como que o encaixamento da questão etimológica que o livro traz. Daí a historiografia da etimologia se interseccionar com a historiografia da mudança lingüística, pois esta ou esclarece ou obscurece a origem de uma palavra.

Recupera autores omitidos nas historiografias lingüísticas tradicionais, como Leibniz (1646-1716), Gébelin, (1719-1784) Gyarmathi (1751-1830), Rask (1732-1802), ao lado dos mais conhecidos e explorados Bopp, Grimm, Diez, Meyer-Lübke e outros e mesmo a esses dá-lhes uma leitura direcionada a questões que embasarão o surgimento de uma ciência etimológica. A questão etimológica é inserida na diacronia em sentido amplo, de evolução

das línguas, de sua reconstrução, da monogênese e da poligênese, e da tipologia linguística das macrofamílias *a la* Greenberg, no item Trombetti. A historiografia não se restringe ao nível da palavra: muitos desses autores trataram predominantemente das semelhanças gramaticais como Gyarmathi e Rask.

Na historiografia fica clara a relação entre a etimologia, as mudanças, os metaplasmos que os antigos já conheciam e classificavam. Enfim, a relação colocada de início entre o fazer etimológico e a diacronia se torna patente ao final da 1ª. parte (pág. 94)

A 2ª parte —"O método etimológico"— entra na etimologia propriamente, e trata de correspondências centradas na palavra ou em níveis abaixo desta. Em "Fontes da Etimologia" se esclarece como devem ser feitas as correspondências: "se em duas línguas quaisquer, se um elemento de seu vocabulário é parecido ou idêntico, tanto no significante, quanto no significado, isso pode dever-se a três fatores distintos: coincidência, empréstimo ou origem comum" (pág. 98). "As semelhanças que conferem alguma relação de afinidade (...) não devem ser procuradas exclusivamente nas sincronias atuais, mas em sincronias pretéritas" (pág. 98). Donde se vê a relação entre etimologia e diacronia, no sentido de volta a uma sincronia pretérita.

À pág. 99 o Autor define, pela 1ª. vez o que é um étimo "é *a forma* equivalente de mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer", posicionando-se em relação à imprecisão dos conceitos relativos à etimologia da tradição apresentados na 1ª. parte, em que as correspondências oscilaram entre o significante, o significado, confusão entre significado e étimo, ou significante e étimo, incluindo-se aí as etimologias fantasiosas atribuídas a Isidoro de Sevilha, fenômeno corriqueiro que tem um forte apelo a leigos. Com tal definição e delimitação de escopo, "a Etimologia retomará sua credibilidade entre os estudos lingüísticos, deixando de ser mero entretenimento ou curiosidade" (pág.101).

A seção sobre os corpora é muito atual e não poderia faltar. A internet colocou as abordagens de estados pretéritos das línguas num

patamar nunca atingido antes, tanto quanto à profusão dos dados disponíveis, quanto à velocidade do acesso à informação. Mais uma vez nesta seção os estudos diacrônicos e os etimológicos se sobrepõem e o que vale para um, vale para o outro. Os corpora mencionados, as questões levantadas são de ambas as áreas ou referem-se a ambas. No entanto a preocupação com dados manifestou-se sempre na historiografia lingüística, principalmente nas épocas em que predominaram metodologias indutivas, como se viu na 1ª. parte do livro, com Rask, principalmente, período em que se registra um “tremendo progresso na quantidade de dados” (pág. 64); o que se percebe no *overview* histórico é um aumento constante da amostragem lingüística, uma constante preocupação com dados lingüísticos, que a internet veio facilitar e operacionalizar, para alegria dos diacronistas.

O *terminus a quo* é de suma importância para os estudos etimológicos e sua delimitação como que limpa a área de imprecisões desnecessárias a etimologias, mas frequentes, quando este não é estabelecido. Tudo isso associa-se à questão da datação da palavra, às vezes impossível de ser precisa: fica-se, portanto, com “a datação da ocorrência mais antiga” (pág. 107), “porque só por meio dela saberemos que naquela sincronia a palavra já era usada”, ou seja, o trabalho de retroação.

O parágrafo final da seção 1.2 merece destaque dada sua propriedade e lucidez: “Buscar regularidades sem valer-se da informação diacrônica seria, na verdade, anacrônico, pois pressuporia que o sistema lingüístico e vocabulário de uma língua se formou todo ao mesmo tempo, como que por um ato criacionista”. Tal defesa da visão diacrônica é rara na literatura e é sem dúvida mais convincente do que aquelas que advogam um caráter explanatório para a diacronia, embora excelentes, como a de Giulio Lepschy (1986: 191)¹.

Colocadas essas questões mais gerais, tendo definido a *forma* no nível da palavra ou abaixo, passa o Autor a desenvolver questões relativas à etimologia propriamente e se concretiza, então, o encaixamento da questão etimológica

na matriz diacrônica ao discutir étimos de palavras como *coração*, *rapaz* e outras, em que o entrelaçamento do significante, significado, datação, estados pretéritos se evidenciam como processuais na etimologia. Discute-se e aponta-se a fragilidade das reconstruções dos étimos, das hipóteses, e a necessidade do que ele chama de “pesos importantes para se separarem soluções idiossincráticas ou *ad hoc* das soluções mais prováveis” (pág.125) se impõe, “na falta de uma teoria da Etimologia”(pág.125).

No capítulo sobre mudanças fonéticas o Autor toma a família românica como exemplo, e a partir de casos de adições, subtrações, transposições, transformações, “os antigos metaplasmos da retórica-greco-latina” (pág. 186), num elenco raro e ricamente instruído por dados valiosos, de indubitável utilidade para cursos da diacronia do português, vai explicitando a ação dos significantes e suas alterações na etimologia: “As mudanças fonéticas norteiam, de algum modo, a certeza etimológica” (pág. 131), para depois, enfim chegar ao fulcro do que leigamente se entende por étimo de um vocábulo: seu significado primeiro.

As alterações semânticas em seus múltiplos aspectos são exploradas: ações metafóricas, metonímicas, analógicas sobre o significado dos vocábulos, bem como a homonímia, a polissemia, são fartamente exemplificadas e reunidas num todo de inquestionável valor para o estudo de mudanças semânticas. A reconstrução dessas etapas em sincronias pretéritas deve ser resolvida por dados fornecidos pelos textos, não pela intuição (pág. 197). O Autor alerta repetidas vezes contra o uso de “deduções preenchidas com imaginações”, no entanto, um certo grau de imprecisão sempre há de haver nessas reconstruções.

Como pesquisa intralingüística apresenta-se a morfologia: classes de palavras, raízes, participios, lembrando, no entanto, da necessidade da visão interlingüística, pois nenhum sistema serviria de referência a si mesmo. A comparação “transistêmica” seria, na verdade seria fundamental para a etimologia, que nessa visão coloca para as línguas um sistema diferente do que o que procede do pensamento

sausurreano. Empréstimos, decalques e diversidade sociolingüística são discutidos na sua relevância para estabelecimento de boas etimologias, entenda-se, de um “étimo provável ou improvável” (pág. 291). “Passos básicos da Etimologia” são propostos ao final do livro.

Perpassa toda esta excelente obra a importância da visão histórica nos estudos da linguagem, aqui vistos pela lente da etimologia. Reúne num só volume discussões esparsas, com explicações convincentes, atualizadas, simples e ao mesmo tempo rigorosas, qualidades já demonstradas pelo Autor em outras obras.

¹ Giulio Lepschy (1986): “European linguistics in the twentieth century”, in Theodora Bynon / Frank Robert Palmer (eds.), *Studies in the history of Western linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 189-201.

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen